

A ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

Patrícia Parreira Saraiva¹
Elizabeth Botelho de Cedro²

RESUMO: Este artigo tem como finalidade discutir a Alfabetização na perspectiva do Letramento e foi realizado com a turma do 3º Ano I ciclo do Ensino Fundamental, numa escola da Rede Municipal de Barra do Garças-MT. Teve como problema: como a prática da alfabetização na perspectiva do letramento tem contribuído para aprendizagem significativa das crianças? A alfabetização na perspectiva do letramento auxilia na construção do conhecimento das crianças. Assim, é de suma importância que o professor construa na prática o elo para a efetivação do ensino e da aprendizagem, nesse sentido, o professor deve oportunizar momentos em sala que favoreçam as práticas do letramento. Nesse pensamento, o objetivo deste trabalho foi compreender se a alfabetização na perspectiva do letramento está favorecendo a aprendizagem significativa na sua prática. A metodologia aplicada foi a qualitativa, por ser apropriada a fim de avaliar a alfabetização na perspectiva do letramento. Os procedimentos de pesquisa levaram em conta o levantamento bibliográfico e a observação do contexto escolar. Os principais teóricos que contribuíram para os estudos foram: Soares, Cagliari, dentre outros. Conclui-se que as escolas ainda trabalham de forma tradicional, a prática de ensino não estabelece uma junção entre alfabetização e letramento para uma aprendizagem significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Alfabetização. Aprendizagem.

LITERACY FROM THE PERSPECTIVE OF LITERACY

ABSTRACT: This article aims to discuss literacy from the perspective of Literacy that was carried out with the class of the 3rd Year I cycle of elementary school in a school of the Municipal Network of Barra do Garças-MT. And, the problem was: How has the practice of literacy from the perspective of literacy contributed to meaningful learning of children? Literacy from the perspective of literacy helps in the construction of children's knowledge. Thus, it is of paramount importance that the teacher constructs in practice the link for the realization of teaching and learning, in this sense the teacher should provide opportunities for moments in the classroom, which favor the practices of literacy. In this thought, the objective of this work was to understand whether literacy from the perspective of literacy is favoring meaningful learning in its practice.

KEYWORDS: Literacy. Literacy. Learning.

¹Especialista em Docência nos Anos Iniciais. Licenciada em Pedagogia. Professora da Rede Municipal de Barra do Garças. E-mail: patsaraiva71@gmail.com.

²Especialista em Docência no Ensino Superior, Docência nos Anos Iniciais e Educação à Distância. Licenciada em Letras. Professora da Rede Municipal de Barra do Garças e de Aragarças. E-mail: bethguerreira@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como finalidade apresentar alguns estudos e reflexões sobre a Alfabetização na perspectiva do Letramento no processo de ensino e aprendizagem dos alunos de uma turma do 3º Ano, I ciclo do Ensino Fundamental, de uma escola da rede pública municipal em Barra do Garças-MT.

O interesse por essa temática surgiu ao perceber a dificuldade de alguns professores em conseguir fazer com que a aprendizagem dos alunos de fato seja abordada de maneira diferenciada, e com isso não está ocorrendo a aprendizagem como se deve, uma aprendizagem significativa. Com os estudos realizados, foi possível compreender melhor o que é alfabetização, sua importância no contexto escolar e entender como ocorre esse processo numa perspectiva do letramento.

Pensando assim, o professor deve oportunizar momentos para que o aluno aprenda e faça uso da leitura e da escrita, tendo uma aprendizagem significativa. Faz-se necessário que sejam aplicadas metodologias inovadoras, fazendo com que o aluno tenha mais interesse no processo de ensino.

Nesse contexto, foi possível definir o problema da pesquisa: como a prática significativa da alfabetização na perspectiva do letramento tem contribuído para uma aprendizagem significativa das crianças?

Diante das observações, foram levantados alguns questionamentos: como é abordado o processo de alfabetização em sala de aula? Qual a metodologia utilizada pelo professor? Analisar se a alfabetização na perspectiva do letramento é trabalhada na prática, como meio de reflexão e integração entre a alfabetização e o letramento, uma vez que são considerados processos distintos e que ambos são indissociáveis; investigar se as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula têm colaborado para o processo de aprendizagem do educando; entender se aquilo que se planeja é colocado em prática. O objetivo maior desta pesquisa é compreender a Alfabetização na perspectiva do Letramento como aprendizagem significativa e prática do processo de Ensino e Aprendizagem.

A hipótese inicial foi verificar se a alfabetização na perspectiva do letramento auxilia na construção do conhecimento das crianças, pois essa perspectiva envolve tanto o professor quanto o educando, pois é de suma importância que o professor construa na prática o elo para a efetivação do ensino e da aprendizagem.

A metodologia aplicada para a realização da pesquisa foi qualitativa, por entender que esse tipo de abordagem trabalha com o universo de significados, de valores, de atitudes, de crenças, facilitando a compreensão da temática que será pesquisada.

Os autores empregados para fundamentar a realização desta pesquisa foram: Antunes (2004), Magda Soares (1990, 2005, 2006), Luiz Carlos Cagliari (1998, 2005), Emília Ferreiro (2001), Castanheira, Maciel e Martins – Org. (2009).

A alfabetização na perspectiva do letramento espera que o aluno tenha de fato uma aprendizagem contextualizada, que faça parte do processo, e que o professor promova possibilidades em que o educando possa desenvolver suas habilidades nas práticas de leitura e escrita.

Portanto, esse tema é de grande importância para entender como ocorre o processo de alfabetização numa perspectiva do letramento, e como se dá a aprendizagem das crianças, pois sabemos que a alfabetização é um processo que requer conhecimento que envolve teoria, prática e habilidade, utilizando-se de metodologias adequadas para uma aprendizagem significativa. Pretende-se entender por que alguns alunos avançam de ano e sequer conseguem decodificar letras e/ou números.

2. CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Pesquisando a origem da alfabetização, é possível verificar que devido às exigências de comunicação do cotidiano de uma sociedade surgiu o processo da escrita e da leitura, e que ao conceber a escrita, o homem também fez surgir a necessidade de que ela desse continuidade e fosse empregada e passada às novas gerações. Diante da precisão, surgiu a alfabetização, ou seja, processo inicial de transmissão de leitura e de escrita.

Com relação à necessidade do surgimento da escrita para o cotidiano da sociedade, Cagliari (1998, p. 14) confirma que:

De acordo com os acontecimentos históricos, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usados provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produtos negociados. Para isso, além dos números, era necessário criar os símbolos para os produtos e para os proprietários. (CAGLIARI, 1998, p. 14).

Com o passar dos tempos, analisando a necessidade que a escrita e a leitura se vinculassem e que realmente o ser humano percebesse o que está escrito, surgiram as regras da alfabetização. Em relação a essa necessidade, Cagliari (1998, p. 15) afirma que “Ao longo do processo de invenção da escrita também incluiu a invenção de regras de alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito e saber como o sistema de escrita funciona para usá-lo apropriadamente”.

Para Soares (1990, p. 17), alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo (criança ou adulto) tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita em todas as funções que ela tem em nossa sociedade, também como instrumento de luta pela conquista da cidadania, com ênfase no papel do sujeito na sociedade e em relação ao contexto social do mundo contemporâneo. A mesma autora apresenta ainda o seguinte posicionamento: Letramento é usar a escrita para se orientar no mundo (o atlas), nas ruas (os sinais de trânsito), para receber instruções (para encontrar um tesouro... para consertar um aparelho... para tomar um remédio), enfim, é usar a escrita para não ficar perdido.

O conceito de alfabetização vem mudando ao longo da história, pois alfabetizar implica ato de ensinar a ler e a escrever, fazer com que o indivíduo se torne conhecedor do alfabeto. Em relação às discussões acerca da alfabetização, faz-se necessário compreender que se trata de um processo que exige habilidade e olhar crítico dos alfabetizadores, voltados ao processo de ensino e aprendizagem.

[...] Entretanto, analisar a alfabetização e refletir sobre ela na perspectiva do letramento é recente no nosso país. É nesse contexto que surgem questões como, por exemplo: Por que trabalhar a alfabetização e o letramento ao mesmo tempo, ou seja, porque alfabetizar letrando? Como alfabetizar na perspectiva do letramento? (MACIEL E LÚCIO, 2009, p. 13).

Sendo assim, a prática de alfabetização, na busca do letramento, deve avaliar não somente o processo individual, mas também o social, pois este não se refere somente ao “estado” ou à “condição” do sujeito, mas ao modo como a leitura e a escrita são exercitadas nos diferentes contextos. Ainda de acordo com Soares (1990, p. 21), letrado é quem se apropria da escrita, que adquire condições de apropriar-se da leitura e da escrita, ligando as práticas sociais; o alfabetizado é aquele que apenas lê e escreve, mas não consegue compreender. É um equívoco afirmar que os conceitos de letramento são todos iguais, entretanto, o processo social do letramento é um ponto que vários teóricos apontam. Lembrando que os conceitos de letramento

dizem que o analfabetismo pode ser denominado aos que não sabem ler e escrever, como ainda àqueles que leem e escrevem, no entanto, não sabem como fazer uso da leitura e da escrita, ou seja, não atendem às exigências da sociedade moderna. Para que o professor alfabetizador possa intervir e fazer o planejamento de suas estratégias que permitam a ampliação do conhecimento, é necessário que conheça suas descobertas, informações, opiniões, enfim, suas descobertas acerca do mundo em que vive, esta ação deve ser o ponto de partida da relação entre professor e aluno. Alfabetizar visando a perspectiva do letramento não significa considerar apenas as dimensões técnicas de “leitura” e “escrita”, mas a assimilação das representações e das demandas que se constituem em torno dessa leitura.

A importância de alfabetizar letrando faz com que o aluno desenvolva diversas habilidades, tornando-se apto para criar e recriar seus próprios conhecimentos, precisa-se considerar que esse educando deve fazer uso da leitura vinculado às práticas sociais do contexto que está inserido para que essas práticas tenham significado.

Um alfabetizar letrando não se constitui num processo mecânico de mera correlação entre dois sistemas de representação; de fato, é preciso sempre considerá-lo nesse quadro em que a linguagem se concebe em seu caráter social e constitutivo dos sistemas de representação das relações da criança consigo mesma, com os outros e com o mundo. Isso, porém, não implica uma desconsideração dos aspectos técnicos e manipulativos da escrita. (FRANCHI, 2012, p. 21).

O ato de letrar está vinculado às práticas pedagógicas. Uma criança que vive em um ambiente que os livros fazem parte da sua rotina, com certeza terá mais oportunidades de ser um adulto letrado.

Quando começa a conviver com diferentes manifestações da escrita na sociedade (rótulos, placas, entre outros), a criança está envolvida nas práticas de leitura, ou seja, está fazendo o uso da escrita, mesmo que inconscientemente.

A alfabetização como processo de aquisição do código ortográfico e da escrita é discutida por vários autores, entre os quais Magda Soares, Emília Ferreiro, Cagliari, enquanto processo de ensino aprendizagem, o que é a alfabetização, como ela é vista perante os alfabetizadores. Para definir melhor o conceito de alfabetização, é preciso compreender como ocorre os processos cognitivos utilizados pelos educandos.

2.1 CONCEITUANDO ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Sabe-se que alfabetização não é um processo baseado em entender e gravar. Para aprender a ler e escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual, ele não só precisa saber o que é a escrita, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem:

Alfabetização – processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

Analisando a alfabetização, um processo de construção de hipóteses sobre o sistema alfabético de escrita, o aluno precisa compartilhar de situações desafiadoras que oportunizem a reflexão sobre a língua escrita. É por meio da interação com o objeto de conhecimento e experiência que as crianças vão construindo hipóteses de forma progressiva. Essas especificidades do processo de alfabetização não podem ser esquecidas. Não basta apenas a convivência com o material escrito, é necessário ter uma direção e uma sistematização por meio de uma reflexão metalinguística, partindo de textos reais de vários gêneros que circulam socialmente.

Devemos arquitetar a alfabetização como uma construção conceitual, consecutiva, desenvolvida concomitantemente dentro e fora da sala de aula, em um processo interativo, que precisa acontecer desde os primeiros contatos da criança com a escrita. Tal entendimento ressalta que o aprendizado da escrita alfabética não se reduz apenas a um processo de associação entre letras e sons. A convivência diária com rótulos de embalagens, símbolos, propagandas, cartazes, nomes de ruas, placas, avisos, bilhetes, receitas, cartas fichas, jornais, revistas, livros, entre outros, faz com que o leitor se familiarize com o texto escrito e estabeleça uma série de relações, levantando hipóteses e procurando compreender o significado. Mesmo antes de passarem por um processo sistemático de alfabetização, o indivíduo convive com diversas situações de leitura e escrita que contribuem para o aperfeiçoamento de seu processo de letramento.

Ferreiro e Teberosky, ao pesquisarem a psicogênese da língua escrita, revelam a maneira pela qual a criança e o adulto constroem seu sistema interpretativo para compreender esse objeto social complexo que é a escrita. Mesmo quando ainda não escrevem ou lêem da forma convencionalmente aceita como correta,

já estão percorrendo um processo que os coloca mais próximos ou mais distantes da formalização da leitura e da escrita. (LIRA, 2006, p. 44).

O indivíduo, independentemente da classe social, percorre os caminhos para se apropriar da língua escrita, passando por níveis estruturais de pensamento. Esses níveis foram intitulados, por Emília Ferreiro (1999), de nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético e nível alfabético.

2.2 PROCESSO HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Para conhecer o processo histórico da alfabetização, é preciso entender a escrita como um dos principais elementos para que a alfabetização ocorra, faz necessário conhecer sobre a escrita em suas diferentes formas de decifrar. Nessa época, ser alfabetizado significava decifrar o que os símbolos representavam, perante as necessidades de comunicação, os símbolos já não serviam para fazer as representações, aparecendo então os sons da fala, cerca de 60 tipos de sílabas diferentes. Com o tempo, esta prática foi se tornando fácil para a memorização da comunicação da sociedade.

A escrita, pelo que se sabe hoje, começou de maneira autônoma e independente, na Suméria, por volta de 3300 a.C. É muito provável que no Egito, por volta de 3000 a.C., e na China, por volta de 1500 a.C., esse processo autônomo tenha se repetido. Os maias da América Central também inventaram um sistema de escrita independentemente de um conhecimento prévio de outro sistema de escrita, num tempo indeterminado ainda pela ciência, que talvez se situe por volta, do início da era cristã. (CAGLIARI, 1998, p. 15).

A alfabetização na antiguidade ocorria em aprender algo já escrito e posteriormente fazer cópias. Sem dúvida, a escrita passou por diversos processos formais e vem se debatendo, no âmbito da educação, métodos referentes ao processo linguístico, uma vez que os utilizados para alfabetizar surgiram com as cartilhas, sendo um modelo pronto e acabado que consistia em um ensino sem contextualização e significado para os alunos. A primeira cartilha utilizada era portuguesa e chamada de João de Deus (1830-1896), “considerada como cartilha maternal ou arte de leitura”. Posteriormente, com os métodos tradicionais, ao final dos anos 90, surge então um outro olhar para a alfabetização, uma nova perspectiva, com a proposta construtivista que implica o ensino da psicogênese da língua escrita, conforme Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, processo este em que a criança passa a ser vista como um ser pensante e não um mero transmissor do código da escrita.

Os métodos de alfabetização numa concepção tradicional eram sintéticos, que consistiam no silábico, ou fônico, um ensino da parte para o todo; e analítico (global), o inverso, do todo para a parte, palavras e frases descontextualizadas. De acordo com Soares (2005, p. 16), “A Alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão\expressão de significados por meio do código escrito”.

Sendo assim, a alfabetização na perspectiva do letramento se torna importante na medida que há uma integração em alfabetizar e letrar, pois requer uma prática significativa no processo de ensino e aprendizagem.

Hoje, sabe-se que os métodos tradicionais ainda existem em sala, mas diante de uma sociedade com as demandas e exigências para o ensino de qualidade, vem-se cada vez mais em busca de recursos que viabilizem melhorias ao ensino.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC – é uma ação inédita do Ministério da educação que conta com a participação articulada do Governo Federal e dos governos estaduais e municipais, dispostos a mobilizar todos os seus esforços e recursos, na valorização dos professores e escolas, no apoio pedagógico com materiais didáticos de alta qualidade para todas as crianças e na implementação dos sistemas adequados de avaliação, gestão e monitoramento. (BRASIL, 2015, p. 7).

De acordo com o Ministério da Educação, aos oito anos de idade, as crianças precisam ter compreensão do funcionamento do sistema de escrita; o domínio das correspondências grafo fônicas; a fluência de leitura e o domínio de estratégias de compreensão e de produção de textos escritos.

Ainda de acordo com o MEC, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, na alfabetização, é necessário considerar, ao longo do desenvolvimento do trabalho pedagógico, quatro princípios centrais: o Sistema de Escrita Alfabética; o desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos; a apropriação de conhecimentos oriundos das diferentes áreas, de modo que a criança possa entender, falar, ler, escrever sobre diversos temas e agir na sociedade.

A alfabetização vem buscando ser uma das prioridades nacionais, pois conforme o MEC, o professor alfabetizador tem a função de auxiliar na formação para o bom exercício da cidadania. Para exercer sua função de forma plena, o professor alfabetizador precisa ter clareza do que ensina e como ensina, além disso, necessita ter clareza sobre qual concepção de alfabetização está inserida em sua prática. A adesão dos governos estaduais e municipais

implica compromisso em alfabetizar todas as crianças. Dados da Prova-Brasil e Prova ANA nos permitem ter uma visão geral da realidade educacional nos dias atuais.

Estas avaliações externas nos fazem refletir a respeito da educação de um modo geral, tornando necessário saber o porquê de muitos alunos avançarem para etapas seguintes sem ao menos saberem o considerado básico. Estas questões nos levam a refletir sobre as práticas educacionais. Esses alunos apresentam dificuldades em resolver questões que envolvam o raciocínio lógico matemático e a interpretação de textos simples.

2.3 A ALFABETIZAÇÃO E A PRÁTICA NA SALA DE AULA

Não é de hoje que a alfabetização vem sendo alvo de inúmeras discussões teóricas e metodológicas, demandando que a escola e os educadores se posicionem em relação a esses debates. Mudanças como essas nas práticas de ensino ocorrem tanto nas demarcações dos conteúdos a serem trabalhados quanto na natureza da organização do trabalho pedagógico.

Atualmente, o desafio maior é “Como alfabetizar letrando”. Esses dois processos, alfabetização e letramento, são complexos, porém, fundamentais para a inclusão social. O ensino de letramento rompe barreiras tradicionais que consideram a alfabetização como pré-requisito para o domínio da leitura e escrita.

Não se deve haver uma separação entre a alfabetização e o letramento, uma vez que são processos que caminham juntos e que precisam ser ensinados ao mesmo tempo no âmbito escolar, ou seja, é preciso que o educador não apenas alfabetize ou ‘letr’ o educando, e sim ‘alfabetize letrando’ e oriente-o ainda ao ato de ler e escrever no contexto das práticas sociais.

Hoje em dia, saber ler e escrever de forma mecânica não garante uma interação completa com os diferentes textos que circulam na sociedade.

Infelizmente, a situação do Brasil nas últimas décadas, com relação aos indicadores de analfabetismo, é alarmante, pois vem se discutindo na prática, muito pouco é feito. O número de alunos aprovados ao final do primeiro ano escolar não é satisfatório, do mesmo modo como o número daqueles que chegam ao final dos anos iniciais do ensino fundamental sem estarem alfabetizados é preocupante.

O índice de analfabetos ainda persiste, no entanto, desde a Idade Média que a sociedade tinha uma convicção sobre o analfabetismo. No Brasil, ainda segundo dados do IBGE (2014), a taxa de escolarização das crianças entre 6 e 14 anos era de 98,5%. Sendo assim, a taxa de analfabetismo para as crianças de 6 a 14 era 1,5%. A taxa de escolarização entre os homens era de 98,4%, e entre as mulheres era 98,6%. Dessa forma, a taxa de analfabetismo entre os

homens era de 1,6%, e entre as mulheres, a taxa de analfabetismo era de 1,4%. Contudo nem sempre uma criança escolarizada é de fato alfabetizada.

Embora a taxa de analfabetismo funcional decresça, de modo geral, ano a ano, o quantitativo de analfabetos funcionais ainda é expressivo. Em 2012, o IBGE contabilizou 27,8 milhões de analfabetos funcionais, definidos pelo instituto como pessoas de 15 anos ou mais que possuem menos de 4 anos de estudos completos. Este quantitativo parece ter mobilizado os implementadores de políticas públicas para a educação. (BRASIL, 2015, p. 13).

Atualmente, a alfabetização necessita ser entendida não exclusivamente como uma aquisição do código ortográfico, mas de fato o saber ler e escrever. Partindo deste pressuposto, o indivíduo se torna livre, consciente e responsável.

Conforme estudos, a alfabetização é compreendida como o processo de apropriação do sistema de escrita de uma língua (SOARES, 2004), e no contexto da pandemia do COVID-19, doença causada pelo novo tipo de coronavírus identificado neste ano, que leva o nome de SARS-CoV-2., educadores e educandos tiveram que interromper esse processo de alfabetizar de forma presencial, e com o isolamento social e as escolas fechadas, criou-se o chamado ensino remoto³, como alternativa para dar continuidade às aulas suspensas em razão da pandemia, e posteriormente passou-se ao ensino híbrido⁴, desse modo, é certo que a pandemia trouxe muitas mudanças na vida e na rotina de todos, e a educação também mudou, tornando-se virtual, surgindo muitos desafios. Porém, apesar dos desafios do trabalho com aulas remotas e híbridas, todas as implicações decorrentes dos problemas atuais, é preciso pensar em propostas pedagógicas que sejam possíveis de executar, levando em conta o contexto no qual o aluno está inserido.

Percebe-se que os principais desafios de alfabetizar na pandemia, diante da vivência, foi a falta de recursos tecnológicos dos alunos e o desinteresse dos pais em colaborar com esse processo. A escola não parou, pois o desenvolvimento do processo de avaliação na alfabetização em tempos de pandemia se deu diariamente por meio de aulas on-line, com compartilhamento de vídeos, e semanalmente, por meio de atividades impressas, para os alunos que não podiam participar das aulas on-line ou ainda via WhatsApp. A avaliação ocorre de

³Ensino remoto é uma solução temporária que pode ser adotada pelas instituições de ensino, normalmente utilizada em um curto período de tempo, como na pandemia.

⁴Ensino Híbrido é uma prática pedagógica que integra o ensino presencial com propostas on-line. Esse processo é mediado pelas tecnologias digitais, mas também se dá em outras situações: quando há diferentes espaços de aprendizagem, linguagem ou sujeitos.

forma contínua e progressiva, conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) sugere.

Diante disso, e da proposta de estudo, deu-se a análise na escola campo, realizada na turma do 3º Ano, em uma escola da rede pública municipal de Barra do Garças-MT, a qual a turma é composta por 37 alunos matriculados, todos frequentes. Desse total, 08 são crianças da zona rural. No aspecto visual, a sala não continha o alfabeto na parede, desfavorecendo os alunos que ainda não estavam alfabetizados, que eram onze (11); as carteiras sempre enfileiradas, com pouco espaço devido ao grande número de alunos. Analisando o planejamento da professora, percebe-se que os conteúdos previstos são executados de forma parcial, mas não acontecia uma prática para alfabetização na perspectiva do letramento, uma vez que essa prática deve acontecer de maneira articulada, em que o conteúdo tenha um sentido para os alunos. Ficando claro que nem sempre o planejado era colocado em prática, ressaltando que a turma era basicamente dividida em 03 níveis, do qual 17 conheciam apenas as letras e algumas sílabas, 11 leitores de sílabas e pequenas frases, 05 leitores de frases, e apenas 04 eram considerados leitores de textos.

Durante o período de observação, as aulas sempre iniciavam com orações de agradecimento à Deus, em momento algum a professora realizou leitura de leite, mesmo afirmando saber que essa prática em sala é muito importante para desenvolvimento do gosto pela leitura, mesmo aqueles que não dominam a leitura, é fundamental para construção de uma aprendizagem significativa. E também falou sobre os diferentes gêneros textuais, apontando as diferenças entre poesia e prosa, indagou-os sobre o entendimento do texto, eles foram respondendo conforme o que haviam compreendido. Uma proposta fundamental para exercer as práticas de letramento. Após a interpretação, a professora solicitou aos alunos que respondessem as atividades da folha impressa, pois ela afirmou que ainda não conseguem copiar do quadro e nem resolver as atividades do livro didático.

Segundo Soares (2005), ao trabalhar leitura em sala de aula, o professor deve considerar que as crianças necessitam de variáveis progressões para que assim a aprendizagem aconteça. O ensino das práticas de leitura é primordial na aquisição da aprendizagem significativa dos alunos, contudo, na observação não foi verificado, na metodologia de ensino da professora, o uso de diversas atividades em folha impressas. Sua metodologia era tradicional, e em alguns momentos usava o método fônico⁵, desfavorecendo o processo. Em relação à

⁵O método fônico, também chamado de método fonético, é um método de alfabetização que **prioriza o ensino dos sons dos grafemas do alfabeto**, começando com as letras mais simples (vogais) e caminhando até as mais complexas (consoantes) para, depois, utilizá-las para formar sílabas e palavras.

aprendizagem significativa, entende-se que deve ocorrer de forma contextualizada e que tenha significado ao aluno. A esse respeito:

A aprendizagem significativa representa o meio pelo qual uma nova informação se relaciona de uma maneira não substantiva e não arbitrária, a um aspecto relevante que o aluno conhece e, dessa forma contrapõe-se à aprendizagem mecânica conquistada pela repetição e, muitas vezes pela memorização. (ANTUNES, 2004, p. 17).

Nesse sentido, o ensino em sala de aula precisa ocorrer das mais variáveis maneiras para que o aluno faça uma relação do objeto em estudo com seu meio, para que assim a aprendizagem seja significativa.

Ainda durante a observação, a professora iniciou a aula de português solicitando a alguns alunos que pegassem o livro didático e fizessem comparações dos textos, história em versos e história em prosa, explicando a diferença entre os textos “O sapo com medo d’água” e “A Tartaruga e o Jacaré”. A aula prosseguiu, algumas crianças conversavam enquanto a professora explicava o conteúdo, e posteriormente ela “tentou” realizar atividades diferenciadas com os alunos que ainda estavam no processo de alfabetização. Percebe-se que a professora, de uma forma equivocada, afirma trabalhar na perspectiva do letramento, pois privilegia a interação com o texto, entretanto, não dá atenção aos aspectos específicos da alfabetização, o que compromete seriamente o processo de aquisição das habilidades de ler e escrever.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do observado na prática, foi possível perceber a difícil tarefa que o educador encontra para a realização do seu trabalho, uma vez que há toda uma dinâmica ao seu redor e as demandas que exigem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve oferecer suportes adequados para que os educadores realizem um trabalho de qualidade.

A professora entrevistada não trabalha com a alfabetização numa perspectiva do letramento, deixando assim uma lacuna entre o alfabetizar letrando, que para alguns autores, esse fato será contraditório para o processo da aprendizagem significativa da criança.

Nesse contexto, percebe-se a distância que há na prática entre o alfabetizar letrando, uma vez que em sala, por muitas vezes, se prioriza mais uma técnica do alfabetizar.

Sendo a alfabetização a primeira formação escolar de qualquer pessoa, é importante que o profissional da educação busque sempre uma formação que corresponda com as devidas exigências de sociedade, que está em constante evolução. Portanto, alfabetizar letrando são

processos indissociáveis que consistem fundamentalmente em instrumentalizar os educandos com o código alfabético, desenvolvendo as capacidades indispensáveis para conhecer e colocar em prática os códigos não somente na escola, mas no meio social no qual a criança esteja inserida.

Não se pode deixar de registrar que diversos fatores acabaram dificultando o processo de alfabetização e letramento no período da pandemia e no domínio do espaço da casa do aluno: responsáveis não capacitados, internet ruim ou até mesmo a falta dela, o limitado uso de aparelhos como celulares e computadores por parte da criança ou a falta deles, a falta de acompanhamento pedagógico, as idades das crianças (6 e 7 anos), a dependência de adultos para os acompanharem nas atividades, e por fim, o desincentivo para estudar e aprender somente no ambiente de casa.

Nesse sentido, acredita-se que o objetivo desta pesquisa foi alcançado, uma vez que possibilitou o contato direto com o contexto em que foi pesquisado e a compreensão do processo de alfabetização na perspectiva do letramento, discussões essas que foram de suma importância para a compreensão do processo. A partir dos estudos dos autores que fundamentaram a pesquisa, foi possível perceber as contribuições de uma alfabetização nessa perspectiva que está posta na sociedade. Dessa forma, espera-se que este trabalho possa servir de base para outros que busca reflexões sobre a temática pesquisada.

4. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A sala de aula de geografia e história**. 9. ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Secretaria de Educação Básica, Brasília: MEC, SEB, 2015.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2005.

_____. **Alfabetizando sem o bá- bé- bi- bó- bu**. São Paulo: Editora Scipione, 1998.

CASTANHEIRA, Maria Lucia; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes. (Orgs). **Alfabetização e Letramento na sala de aula**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2009.

FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do Alfabetizar letrando: da oralidade à escrita**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIRA, Bruno Carneiro. **Alfabetizar letrando: uma experiência na Pastoral da Criança**. São Paulo: Paulinas, 2006.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento**. Construir Notícias. Recife, PE, v. 07, n. 37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1990.